

## DIÁLOGOS AO PÉ DA ÁRVORE: UMA CONVERSA COM A ROTEIRISTA DE *MEU PÉ DE LARANJA-LIMA*

Adriana Falcato Almeida Araldo

Uma das funções da arte é fazer com que o leitor, ao deslocar-se de si, adentrando o fantástico, venha a usufruir da possibilidade de olhar-se de fora, tornando possíveis reflexões, descobertas e autoconhecimento.

Por meio da fantasia, que tem papel importante no processo de compreensão da realidade e que é *uma necessidade coextensiva ao homem*, como nos revelou Antonio Candido (CANDIDO, 1972), a literatura trabalha a sensibilidade humana. E, através da identificação com as personagens, a literatura vai provocando o prazer, o riso, o medo, a dor, a dúvida...

Num mundo que busca amenizar a dor e suspendê-la até o limite do possível, existe uma tendência de se considerar *dramalhão* o livro que desperta grandes emoções e faz chorar. *Meu Pé de laranja-lima* é uma dessas histórias que conseguem derrubar lágrimas. Escrita em 1968, por José Mauro de Vasconcelos, tudo indica que existam milhares de Zezés espalhados pelo mundo: são inúmeras reedições de uma história traduzida para 52 línguas, publicada em 19 países e que já foi adaptada para o cinema e para três novelas da televisão. Agora acaba de ganhar uma nova versão para as telas, sob a direção de Marcos Bernstein e roteiro de Melanie Dimantas.

Para Nelly Novaes Coelho, esse livro *facilmente deslizaria para o dramalhão lacrimoso não fosse a habilidade com que o autor o sustenta com ludismo e a fantasia. Excelente o registro de imaginação criadora do menino e o mundo que ele construiu dentro de seu limitado cotidiano* (COELHO, 2006, p.387).

É quase impossível não se identificar com o menino Zezé. Quase impossível não se sensibilizar. Talvez porque não exista ninguém que, em algum momento de sua história, não tenha sido um pouco Zezé, buscando aprender a viver no mundo complicado dos adultos. Talvez porque não exista

ninguém que não tenha encontrado na fantasia uma forma de preencher o vazio da vida.

Se uma obra, escrita nos anos sessenta, ainda consegue causar tamanha comoção, sensibilizando o público de diferentes lugares, não apresentaria, então, algo mais a ser valorizado? O que explicaria tudo isso?

Questões como essas fizeram Melanie Dimantas, que escreveu roteiros premiados como *Carlota Joaquina*, *Não quero falar sobre isto agora*, *Olhos Azuis*, aceitar a proposta de compor o roteiro para o filme *Meu Pé de laranja-lima*.

Em entrevista à Revista Literartes, realizada no dia 21 de junho, a roteirista fala sobre as produções voltadas ao público jovem na atualidade. E, por meio da voz e da arte de Melanie Dimantas, podemos acompanhar o diálogo existente entre cinema e literatura.

**De onde partiu o interesse de transpor para as telas, mais uma vez, o livro *Meu pé de Laranja Lima*?**

Na verdade, o interesse partiu da França, de uma produtora que nos contratou, a mim e ao Marcos Bernstein, para realizar o roteiro do filme. O *Meu Pé de Laranja-lima* é um livro adotado e muito lido nas escolas francesas, e o que se percebeu é que havia um mercado importante e bem aquecido para essa história. Quando fui convidada a fazer o roteiro, de início, fiquei surpresa, porque o livro tem uma carga emotiva muito grande. Eu já havia lido a história na minha infância e lembro-me de ter chorado muito. Durante uma viagem para São Paulo, comecei uma nova leitura, uma leitura mais crítica que me emocionou da mesma forma, e chorei tudo o que tinha chorado aos 12 anos. Assim, me perguntei “o que faz com que essa história tenha essa força e consiga sensibilizar até mesmo aquele que faz uma leitura crítica, como no meu caso?” Foi, então, que me interessei em fazer a adaptação.

**Neste novo filme, percebe-se que é atribuído, por meio de uma nova leitura, um destaque maior à personagem do escritor José Mauro de Vasconcelos. Como se deu esse processo de composição?**

O livro é autobiográfico. Há pontos que não são ditos, mas que estão presentes na história de José Mauro de Vasconcelos, pontos que tentei explorar a partir de meu olhar. Quando fiz a leitura do livro, eu percebi que duas personagens: Luís e Godoia, seus irmãos, que já haviam morrido e aos quais o autor dedicou a sua história, não apresentavam a mesma dimensão que as demais, não tinham a mesma profundidade, eram “angelicais”. Essa questão me interessou porque as lembranças do autor refletem isso. Veja bem, cinema não é literatura, então, é preciso buscar uma nova abordagem. A maneira de obter esse ponto de vista, conseguindo expressar a sensibilidade e buscando algumas respostas que envolviam a personagem, foi criando a figura do escritor.

**A exploração da imaginação de Zezé é um dos pontos altos da história. Como foi transportar para o cinema essa questão tão subjetiva?**

Muito do imaginário do menino Zezé, no livro, se passa em Bangu, nos anos 30 e tem relação com Tom Mix e cowboys. Nós não queríamos um tempo muito delimitado, queríamos alguma coisa mais contemporânea. Um tempo mais ou menos etéreo. Híbrido. Pode-se ver que o escritor já usa celular no filme. De início, pensamos em transportar essa história para a Ilha de Paquetá, ficando muito interessante, mas acabamos encontrando uma locação em Minas e seguindo as referências do livro, voltando ao velho roteiro, com o zoológico, o cavalo e o universo do cinema.

**Qual o impacto dessa história nos dias de hoje?**

Acho que o jovem não vê muito bem histórias que refletem a infância problemática, que falam de tristeza, porque o filme não foi tão bem. Já não se lê mais *Os meninos da rua Paulo*, literatura triste e realista. Esse tipo de

literatura perdeu um pouco o seu lugar. Hoje existe mais ironia e até histórias como *O Rei Leão*, de fundo *shakespeariano* são atenuadas com números musicais, com a ideia de superação e piadas. No filme, o diretor precisou ousar mais na forma e no ar soleno do filme porque, caso contrário, não haveria impacto nenhum.

**Em sua opinião, como deve ser um bom filme para os jovens?  
Que elementos você considera indispensáveis?**

Os filmes para jovens têm de falar sobre a juventude, sobre o mundo no qual eles precisam se espelhar, abandonar coisas, ganhar outras e crescer. Independente do gênero, seja comédia, musical, drama, o importante é fazer com que o adolescente se sinta em casa. O *ET*, por exemplo, é um filme impecável em termos de roteiro, ele fala sobre a iniciação, sobre a pré-adolescência, sobre as dores do crescimento. *Coraline* é um filme inglês, *stop-motion*, muito triste, quase beirando o cinema de horror e é muito interessante. Não fez muito sucesso, mas é um filme de que gosto.

**Qual foi o maior desafio ao transpor o livro para o cinema?**

Em termos de adaptação, essa não foi a mais difícil de fazer. O livro é de memórias e construído por lembranças episódicas. A lembrança do Natal, a da mudança da casa, a do encontro com o português. Para amarrar essas recordações, foi preciso compor uma narração e uma narração, às vezes, se torna insuportável em um filme, guiando demais o espectador. O exercício mais difícil foi o de colocar todas essas lembranças episódicas numa linha lógica.

**Parece que o Brasil começou a investir mais em produções para o público infantil/juvenil. É uma tendência? Como você vê as novas produções voltadas a esse público?**

Não é uma tendência. O mercado de filmes no Brasil é complicado e segue uma lógica própria. Os filmes para crianças não dão dinheiro. E vários fatores estão incluídos nessa lógica. Por exemplo, as crianças precisam pedir

para os pais para irem ao cinema. Elas dependem dos pais. Então é mais difícil. Na verdade, quando existe interesse, os filmes são pequenos. Não são grandes produções. Há, inclusive, um laboratório de cinema infantil com roteiristas incríveis, mas os filmes não saem. Mas saem os filmes de ficção para adultos. No que diz respeito ao cinema para os jovens, o Brasil não tem um mercado aquecido, não se apresenta interessante para os produtores.

**Pensando na criança como espectadora, o que você acha que ela espera encontrar num filme?**

A linguagem muda muito. A velocidade da linguagem do cinema para crianças mudou bastante e as histórias contemplativas perderam espaço. Então, o que mais se faz é comédia ou filme de ação. Pode-se até discutir o valor das comédias, a sua qualidade, mas o carro-chefe é a comédia. De modo geral, as crianças estão muito familiarizadas com a linguagem da TV, com as séries e tudo acaba resvalando no humor.

**Qual foi o ponto alto desse filme?**

Inicialmente o roteiro foi muito admirado. Muito elogiado. Mas quando assisti ao filme, eu lamentei o fato de que havia pouco roteiro. Eu sou muito crítica com o meu trabalho. É a questão do olhar. Eu olho sempre buscando o que pode ser mudado para que fique melhor. Mas um roteiro não é uma escrita em pedra. Quando começa uma filmagem, ele serve de guia e coisas inesperadas acontecem. Como era roteirista também, o diretor Marcos Bernstein teve de fazer algumas adequações no desenvolvimento das filmagens. Depois eu revi o filme, com outros olhos, olhos de espectadora, e me emocionei bastante. Eu gostei muito da direção do Marcos. Acho que foi um trabalho de direção inteligente e ele soube fazer ajustes para que o filme não ficasse sentimental demais, como eu temia.